

JOSÉ MEDEIROS FERREIRA: A LIBERDADE INTERVENTIVA



Governo dos Açores





JOSÉ MEDEIROS FERREIRA: A LIBERDADE INTERVENTIVA

COORDENAÇÃO

Carlos Almeida, Carlos Gaspar, Eduardo Paz Ferreira,
Maria do Carmo Figueiredo, Maria Emília Brederode Santos,
Maria Inácia Rezola, Mário Mesquita,
Miguel Medeiros Ferreira, Onésimo Teotónio Almeida,
Pedro Aires Oliveira

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V

Nesta edição respeitou-se a opção ortográfica de cada autor.

© 2015, Autores e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título:
José Medeiros Ferreira: A Liberdade Interventiva
Autores:
AAVV

Coordenação:
Carlos Almeida, Carlos Gaspar, Eduardo Paz Ferreira, Maria do Carmo Figueiredo,
Maria Emília Brederode Santos, Maria Inácia Rezola, Mário Mesquita,
Miguel Medeiros Ferreira, Onésimo Teotónio Almeida, Pedro Aires Oliveira

Revisão: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (Vera Tavares)
Composição: Tinta-da-china
1.ª edição: Fevereiro de 2015

Fotografia da capa:
© Walter Tapia, Livraria SolMar, Ponta Delgada, anos 90.
Agradece-se a Walter Tapia e ao José Carlos Frias a cedência da imagem.

ISBN: 978-989-671-247-1
Depósito Legal n.º 386055/14

ÍNDICE

MARIA INÁCIA REZOLA	
<i>Introdução</i>	13
PEDRO AIRES OLIVEIRA	
<i>José Medeiros Ferreira: Cronista e protagonista do Portugal contemporâneo</i>	15
PRESIDENTES DA REPÚBLICA	
.....	
ANTÓNIO RAMALHO EANES	
<i>Cidadania de permanente e intransigente defesa do sistema de liberdades democráticas</i>	29
MÁRIO SOARES	
<i>Um grande amigo</i>	31
JORGE SAMPAIO	
<i>Evocação de José Medeiros Ferreira</i>	34
PRESIDENTES DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA	
.....	
ANTÓNIO MOREIRA BARBOSA DE MELO	
<i>Constituinte, deputado e governante</i>	39
ANTÓNIO DE ALMEIDA SANTOS	
<i>Preito de saudade</i>	42
JOÃO BOSCO MOTA AMARAL	
<i>Retalhos de uma amizade açoriana</i>	48
JAIME GAMA	
<i>Grande Colar da Ordem da Dignidade, da Honra e do Carácter</i>	55
PRESIDENTES DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES	
.....	
CARLOS CÉSAR	
<i>Esperava que esta notícia fosse adiada</i>	59
VASCO CORDEIRO	
<i>Um dos grandes dos Açores</i>	61
TESTEMUNHOS	
.....	
ALFREDO BARROSO	
<i>Primus inter pares</i>	67
ANA BENAVENTE	
<i>Carta de Lisboa</i>	74
ANA MARIA BETTENCOURT	
<i>O melhor entre os melhores</i>	78

ANA MEDINA MESQUITA	
<i>Este caixão fica na vertical!</i>	80
ANA ROQUE	
Eudaimonia — <i>A felicidade na procura do bem comum</i>	82
ANTÓNIO	
<i>Caricatura</i>	86
ANTÓNIO BARRETO	
<i>Morreu um velho grande amigo</i>	87
ANTÓNIO REIS	
<i>O que diria o Zé disto?</i>	91
ANTÓNIO RIBEIRO	
<i>O testemunho de um colega</i>	93
ANTÓNIO SAMPAIO DA NÓVOA	
<i>É depois de nascer que nos fazemos livres</i>	95
BERNARDO RODRIGUES	
<i>Um amigo recente</i>	97
BERTA FERNANDES E EURICO FIGUEIREDO	
<i>As inseguranças do exílio</i>	98
CARLOS ALMEIDA	
<i>O amigo, o homem singular</i>	102
CARLOS GASPAR	
<i>A escolha do momento</i>	107
CARLOS GUILHERME RILEY	
<i>O cidadão atlântico</i>	109
CARLOS DE MATOS GOMES	
<i>Nos alvores do 25 de Abril...</i>	112
CARLOS E. PACHECO AMARAL	
<i>In Memoriam</i>	116
CRISTINA ALBUQUERQUE	
<i>O político e o amigo</i>	119
CRISTÓVÃO DE AGUIAR	
<i>O coração da memória na festa da amizade</i>	122
DIANA ANDRINGA	
<i>Um carioca de limão no Café Nova Iorque</i>	125
EDUARDO BARROSO	
<i>Ainda bem que gostamos de futebol</i>	127
EDUARDO PAZ FERREIRA	
<i>Lado a lado</i>	130
FERNANDO REINO	
<i>Meu ministro, meu amigo</i>	135
FERNANDO ROSAS	
<i>Há amigos insubstituíveis</i>	138

FRANCISCO ASSIS		
	<i>A humildade é a melhor aliada da inteligência</i>	140
FRANCISCO JOSÉ VIEGAS		
	<i>Fico à espera</i>	144
FRANCISCO LOUÇÃ		
	<i>A lucidez céptica do realismo europeu de Medeiros Ferreira</i>	145
FRANCISCO SEIXAS DA COSTA		
	<i>Um raro pensamento estratégico</i>	150
FRANCISCO TRIGO ABREU		
	<i>O meu querido vizinho</i>	152
FRANÇOIS GARÇON		
	<i>En hommage à celui qui m'a réveillé</i>	153
GUALTER FURTADO		
	<i>Um açoriano do mundo</i>	157
GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS		
	<i>Página de diário...</i>	160
GUSTAVO MOURA		
	<i>O perfil de um intelectual</i>	163
HELENA PINTO JANEIRO		
	<i>Museu do Aljube: O último encargo cívico</i>	164
HORÁRIO VALE CÉSAR		
	<i>A alegria e o dever do empenho cívico</i>	166
IRENE PIMENTEL		
	<i>E como vai ser nas próximas eleições?</i>	168
ISABEL BARATA		
	<i>Je suis mon ouvrage, ou o político de quem as pessoas gostavam</i>	172
ISABEL DO CARMO		
	<i>O sorriso do Medeiros Ferreira faz muita falta</i>	177
JOÃO BONZINHO		
	<i>A paixão pelo futebol</i>	181
JOÃO CARLOS TAVARES		
	<i>A saudade e a memória</i>	184
JOÃO DE VALLERA		
	<i>No Palácio das Necessidades</i>	188
JOÃO GONÇALVES		
	<i>Uma conversa inacabada</i>	191
JOÃO JOSÉ ALVES DIAS		
	<i>As minhas memórias sobre José Medeiros Ferreira</i>	195
JOÃO LUÍS DE MEDEIROS		
	<i>Testemunho de valentia democrática ao serviço da Liberdade</i>	199
JOAQUIM LETRIA		
	<i>Saudades do José Manuel</i>	203

JORGE SILVA MELO	
«Mas o Medeiros diz que...» — <i>Era o que me diziam</i>	205
JOSÉ ALBERTO LOUREIRO DOS SANTOS	
<i>Recordando Medeiros Ferreira</i>	208
JOSÉ ESTEVES PEREIRA	
<i>O ensino das relações internacionais na Universidade Nova de Lisboa</i>	213
JOSÉ HENRIQUE SALGADO ZENHA	
<i>Um dos happy few</i>	216
JOSÉ MARIA DE FRANÇA MACHADO.	
<i>O «Zé das barbas»</i>	220
JOSÉ MARIA TEIXEIRA DIAS	
<i>Recordações</i>	222
JOSÉ PACHECO PEREIRA	
<i>O homem que quando olhava para o lado via para a frente — José Medeiros Ferreira até ao 25 de Abril</i>	226
ENTREVISTA DE JOSÉ PEDRO CASTANHEIRA E MARTIM SILVA	
«Sentia-me capaz de exercer qualquer cargo»	232
LEONOR PINHÃO	
<i>Fui tomar café a outro lado</i>	237
LUÍS CLARO E RITA TAVARES	
<i>A última entrevista</i>	238
LUÍS MANUEL VIEIRA DE ANDRADE	
<i>Nós temos saudades do professor</i>	244
LUÍS SALGADO DE MATOS	
<i>O político que sabia economia</i>	247
MANUEL DE LUCENA	
<i>Um realista com graça</i>	249
MANUEL MONTEIRO	
<i>Disponível para permanente diálogo</i>	250
MANUEL PEDROSO MARQUES	
<i>O estratega</i>	251
MANUEL SÉRGIO	
<i>O desportista, o político, o intelectual</i>	254
MARGARIDA FIGUEIREDO	
<i>Relembrar Medeiros Ferreira</i>	258
MARGARIDA PONTE FERREIRA	
<i>Carta a um amigo</i>	261
MARIA ANTÓNIA FIADEIRO	
<i>O abaixo-assinado</i>	270
MARIA BELO	
<i>O José, como o chamava a Maria Emília</i>	274

MARIA CÂNDIDA PROENÇA	
<i>Mestre, colega e amigo</i>	275
MARIA CARRILHO	
<i>A intervenção e o espírito</i>	277
MARIA DO CARMO FIGUEIREDO	
<i>A cores nos corredores da RTP em Lisboa e nos Açores</i>	280
MARIA ELISA DOMINGUES	
<i>L'homme qui aimait les femmes</i>	283
MARIA FILOMENA MÓNICA	
<i>Um ar traquinas</i>	288
MARIA HELENA TRINDADE LOPES	
<i>Se calhar já não se produzem figuras assim...</i>	291
MARIA JOÃO SEIXAS	
<i>Meu querido cúmplice do reino do «inefável»</i>	294
MARIA SANTOS	
<i>A fotografia que não viu!</i>	296
MÁRIO MESQUITA	
<i>«As vidas não lineares»</i>	301
MILICE RIBEIRO DOS SANTOS	
<i>Vinte anos nos anos 60, recordando o Medeiros</i>	306
NUNO COSTA SANTOS	
<i>Homem atencioso, intelectual atento</i>	310
NIKIAS SKAPINAKIS	
<i>O retrato do Aljube</i>	313
NUNO GODINHO DE MATOS	
<i>Memória</i>	314
NUNO RIBEIRO	
<i>Um visionário</i>	318
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA	
<i>Nota de rodapé para um balanço</i>	322
PAULA COUTINHO	
<i>Onde se fala de Genebra, piscina, muito cinema e uma amizade para a vida</i>	326
PEDRO D'ANUNCIAÇÃO	
<i>O socialista inquieto que ficou comentador e académico</i>	327
PEDRO DE PEZARAT CORREIA	
<i>Uma leitura estratégica do 25 de Abril</i>	330
PIERRE DOMINICÉ	
<i>Vivre en politique la plénitude de son humanité — Genève, sa bien-aimée</i>	334
PILAR DAMIÃO DE MEDEIROS	
<i>Sobre o compromisso político e intelectual de José Medeiros Ferreira</i>	340
RETO MÓNICO	
<i>Obrigado, caro amigo Zé</i>	347

RICARDO RODRIGUES	
<i>O prazer de recordar Medeiros Ferreira</i>	350
ROBERTO AMARAL	
<i>Recordando José Medeiros Ferreira</i>	352
RUI TAVARES	
<i>A melancolia do patriota</i>	356
SÍLVIO CERDAN	
<i>SMS optimistas</i>	358
TERESA PAIXÃO	
<i>Um certo desconcerto</i>	359
VALDEMAR CRUZ	
<i>Um cappuccino com Medeiros Ferreira</i>	362
VAMBERTO FREITAS	
<i>De José Medeiros Ferreira e de nós</i>	367
VASCO PULIDO VALENTE	
<i>Medeiros: Uma despedida</i>	372
VASCO VALENTE	
<i>Lucidez e determinação</i>	375
VASCO VIEIRA DE ALMEIDA	
<i>Um homem livre</i>	379
VIRIATO SOROMENHO-MARQUES	
<i>O testamento de um estadista</i>	381
ALGUMAS DECLARAÇÕES PÚBLICAS	383
ANÍBAL CAVACO SILVA, ASSUNÇÃO ESTEVES, PEDRO PASSOS COELHO, RUI MACHETE, ANA LUÍS, ANTÓNIO COSTA, ALBERTO MARTINS, ANTÓNIO JOSÉ SEGURO, JOÃO SOARES, JOSÉ MARIA BRANDÃO DE BRITO, MANUEL ALEGRE	
FAMÍLIA	
ARNALDO MEDEIROS FERREIRA	
<i>Em memória do meu irmão José</i>	391
LUÍS MEDEIROS FERREIRA	
<i>Recordações de uma amizade fraterna</i>	396
NUNO MEDEIROS	
<i>Inspiração eterna</i>	402
RUI MEDEIROS	
<i>Meu tio, meu herói</i>	404
MIGUEL MEDEIROS FERREIRA	
<i>O meu PAI</i>	410
MARIA EMÍLIA BREDERODE SANTOS	
<i>Um vencedor da vida</i>	413

Não se tinha deixado domesticar por Salazar, ou pela ameaça, mas deixou-se domesticar pelas liberdades públicas.

Sim. É o maior bem político de uma sociedade [...].

Alguma vez, em todo este percurso, sentiu que deixou de ser de esquerda?

Não. Há duas opções: a pessoa retira-se para um exílio interior e não se compromete com o princípio da realidade; ou percebe que têm de se fazer compromissos. Acontece muito aos homens de esquerda: como têm às vezes uma visão virginal da vida política, ou tiveram na sua juventude, quando fazem o primeiro compromisso deixam de ter uma referência, sentem que a sua vida política passou a ser meramente tática. Há sempre a fixidez da estrela do norte. Ser de esquerda muda. Hoje em dia não é defender as nacionalizações.

JOSÉ MEDEIROS FERREIRA,
entrevista de Anabela Mota Ribeiro,
Pública, 27 de Março de 2011



INTRODUÇÃO

MARIA INÁCIA REZOLA

Quando se aposentou de professor da Universidade Nova de Lisboa, José Medeiros Ferreira foi homenageado pelo seu *Longo Curso* académico¹. A obra, lançada em 2011, reuniu um conjunto alargado de estudos (cerca de 40) versando sobre temas trabalhados e presentes na obra de Medeiros Ferreira. Ainda que alguns não resistissem a introduzir um registo mais pessoal, trata-se fundamentalmente de um livro académico de ciência política, estratégia e, sobretudo, de história contemporânea. Ao longo das suas cerca de 700 páginas desfilam a história da Europa e da integração europeia; a história militar e dos militares enquanto instituição; as guerras e a paz; a história dos Açores mas também, e principalmente, a história do século xx português – da Primeira República à história da ditadura e dos que lhe resistiram; a história dos tempos da Revolução e da tardia descolonização portuguesa, essa história de um *Portugal em Transe* que José Medeiros Ferreira viveu e estudou de forma apaixonada, num «esforço intelectual permanente para alcançar a imparcialidade histórica possível»².

Ainda que o seu objectivo seja o mesmo — homenagear José Medeiros Ferreira — o livro que agora apresentamos é diferente.

1 Pedro Aires Oliveira; Maria Inácia Rezola (coord.), *O Longo Curso: Estudos em Homenagem a José Medeiros Ferreira*, Lisboa, Tinta-da-china, 2010.

2 José Medeiros Ferreira, *Portugal em Transe* in *História de Portugal*, José Mattoso (ed.), vol. VIII, Lisboa, Círculo de Leitores/Editorial Estampa, 1994, p. 11.

Diferente pelo contexto em que surge, pela sua origem e pelas colaborações e colaboradores que reúne.

Este livro foi pensado por um conjunto de amigos e familiares de José Medeiros Ferreira: Carlos Almeida, Carlos Gaspar, Eduardo Paz Ferreira, Maria do Carmo Figueiredo, Maria Emília Brederode Santos, Maria Inácia Rezola, Mário Mesquita, Miguel Medeiros Ferreira, Onésimo Teotónio Almeida, Pedro Aires Oliveira. O seu objectivo inicial foi o de compilar e publicar em livro alguns dos artigos e notícias publicados na imprensa e na blogosfera, por ocasião da sua morte, em Março de 2014. No entanto, o projecto rapidamente assumiu outra feição quando, a esses textos, se começaram a juntar outros, feitos propositadamente para esta obra. O livro cresceu em dimensão e profundidade, assumindo características inesperadas.

Este é um livro de homenagem mas também, e sobretudo, um livro de memórias. Um livro que recolhe testemunhos de muitos dos que, em diferentes momentos, e de diferentes formas, se cruzaram, conviveram, trabalharam e admiraram José Medeiros Ferreira. São amigos de infância, companheiros de luta académica, cúmplices do exílio genebrino, políticos e governantes, académicos, jornalistas, pensadores, artistas, de diferentes gerações e com formações e percursos diversificados que, através dos seus textos, recordam José Medeiros Ferreira na primeira pessoa, como cidadão, político, historiador, professor universitário, pensador e como homem. Recordam a sua intervenção cívica e empenhamento na causa pública, mas também a sua transbordante alegria, contagiante amizade e gosto pela vida.

O resultado é, em nosso entender, surpreendente. Em vários momentos deste livro ecoam as palavras de uma das autoras que o acompanharam nos últimos momentos: «Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença»¹. Mas os livros não se explicam, lêem-se.

1 Clarice Lispector, *De Amor e Amizade: Crônicas para Jovens*. Rio de Janeiro, Rocco Jovens Leitores, 2010, p. 141.

UM VENCEDOR DA VIDA

MARIA EMÍLIA BREDERODE SANTOS

O José sabia ser feliz. Embora gostasse de «lamber as suas feridas», como costumava dizer, também era capaz de gozar cada momento sem culpas nem aflições. Sabia ser feliz. Aprendeu-o sem dúvida nos Açores, em São Miguel, primeiro em Vila Franca do Campo, depois na Fajã de Cima e em Ponta Delgada. Reforçou-o em Lisboa, em Genebra, de novo em Lisboa, na Arrábida, na Azóia de Sezimbra, sua «Nova Fajã» — como a baptizou. Aprendeu-o decerto com a sua família (com as suas famílias) porque, benjamim, terá sido muito amado e amimado. E reaprendeu-o pela vida fora: «*Je suis mon ouvrage*», como gostava de dizer, citando a correspondência Merteuil-Valmont.

Foi feliz nas praias da sua vida, nos cafés do seu convívio, nas bibliotecas dos seus estudos... Mesmo nas incertezas iniciais do exílio, bastava que um amigo o desafiasse para «*un pot et un Boursin*» para logo reencontrar a felicidade num *bistrot* de Carouge.

Foi um homem de decisões difíceis. Enfrentava, sopesava a gravidade das situações, antecipava as suas consequências a curto e longo prazo — mas sabia também quando tomar outras com ligeireza e gozo.

Entrava em contacto com qualquer ser humano. Estabelecia facilmente uma relação, mas essa relação era especial, sedutora e exigente. Suscitava o melhor nos outros, suscitava o melhor em mim.

Atribuía às suas vivências insulares a sua capacidade de comunicação interclassista: estava à vontade entre pescadores de São

Roque e oleiros de Vila Franca como entre meninos do colégio e *pipis* da cidade ou como entre camponeses e estufeiros da Fajã de Cima. Estava à vontade entre velhos que não acreditavam que o homem regressasse da lua como entre a nova geração digital. Compreendia e amava tanto o sentido do dever e abnegação dos militares como a liberdade criativa dos artistas. O seu herói era o seu filho Miguel: gostaria de ter sido seu filho, dizia. Achava Lisboa «uma outra ilha», onde construiu pontos de referência, de frequência e de encontro. Gostava dos seus cafés, dos seus teatros, dos seus fornecedores de jornais. Também aí estabelecia relações, fidelizava e fidelizava-se.

Parece que os gregos antigos não faziam epitáfios e de alguém notável que morresse apenas perguntavam: viveu com paixão? O José viveu com enorme paixão. Em tudo colocava energia, intensidade e firmeza. Gostava de citar Júlio César visto por Shakespeare: «Sou firme como a estrela do Norte!»

Talvez por isso tenha tido sete vidas. Várias vezes o deram como morto — politicamente, civilmente, academicamente... Desfecharam-lhe facadas traiçoeiras — às vezes de inimigos cuja origem apenas suspeitava, às vezes até dos melhores amigos. Os jornalistas decretaram-lhe a morte pública na Constituinte, os jornalistas ressuscitaram-no com uma foto de meia página a trincar uma melancia, de sorriso radioso! Professores prepararam-lhe uma cilada académica. Estudantes, colegas e outros professores trouxeram-no em ombros e em triunfo. Suscitava paixões e ódios. Fez amigos e inimigos em todos os partidos, em todas as instituições, em todos os grupos.

Por vezes parecia derrotado, excluído, paralisado. Mas logo reaparecia por onde menos se esperava: politicamente ostracizado, ressurgia como académico brilhante. Ou como comentador desportivo. Ou como bloguista de primeira geração. Ou como cronista. Ou como personagem numa Lisboa culturalmente viva. Ou de novo como político. Sabia agarrar as oportunidades. «De

liana em liana, como o Tarzan», diria ele a estalar uma gargalhada. Davam-no como doente, sem forças, moribundo? Celebrava os seus 70 anos com um discurso de horas *à la Fidel*, reaparecia na blogosfera, publicava um livro... Tinha sete vidas e paixão para mais!

Era genial. Os amigos cinéfilos comparavam-no a Orson Wells, os políticos a De Gaulle. «*Bigger than life...*» Dizia que gostava de ter sido jogador de futebol, compositor ou cantor de ópera. Um pouco mais de altura e teria voado nos estádios, um pouco mais de voz e teria alvoroçado o Scala ou o Met.

Na realidade, o seu talento genial era a forma de projectar e se projectar (n)o futuro. Via os futuros possíveis no passado, o presente como produto, construção e andaime, o futuro como história. O que lhe permitiu gritar a alguns constituintes: «O que vai ficar destes tempos de transe é esta Constituição! Daqui a 10, 20, 40 anos é ela o que vai restar da revolução!» — com esse estranho poder premonitório que todos lhe reconheciam e que lhe tinha permitido prever o papel das Forças Armadas no 25 de Abril, formular os três D do programa do MFA, prever a candidatura de Jorge Sampaio à Presidência da República e a sua vitória, ou ainda que Portugal perdia os meios da sua política externa ou que a Europa se destruíra. Porque era também, ele próprio, um construtor de futuros.

Quando adoeceu gravemente, queixou-se: «Roubaram-me o futuro!» Mas não era verdade. Continuou a perscrutar o futuro e a fazer projectos — para si, para os Açores, para Portugal, para a Europa, para nós.

Resta-nos fazer com que o seu pensamento e a sua obra possam continuar a ser instrumentos de futuro.

JOSÉ
MEDEIROS
FERREIRA:
A LIBERDADE
INTERVENTIVA

FOI COMPOSTO EM CARACTERES
HOEFLER TEXT E IMPRESSO NA GUIDE,
ARTES GRÁFICAS, SOBRE PAPEL CORAL BOOK
DE 80 GRAMAS, EM JANEIRO DE 2015.